



O olhar feminino sobre o Brasil na narrativa italiana do século XX

The female point of view about Brazil in the italian narrative of the 20 th Century

Sérgio Mauro¹

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo traçar um panorama da narrativa italiana realizada por escritoras e que se dedicou ao Brasil no século XX. O destaque será dado à escritoras italianas cujo ponto de vista feminino retratou a população e a cultura brasileiras com sensibilidade diferente da narrativa produzida pelos escritores, conseguindo escapar ao mero registro do pitoresco ou do exótico.

Palavras-chave: Escritoras italianas. Personagens- tipos de brasileiros, Olhar feminino. Narrativa do século XX.

Abstract: This essay will describe the italian women who dedicated their novels and tales in the nineth Century to the people and the brazilian culture. I intend to remark the female point of view of these writers, very different of the others writers which novels and tales described only the exotic and pitoresc.

Keywords Italian writers; Brazilian characters; female point of view; Italian novels of the 20th century.

Na narrativa italiana do século XX que se dedicou ao Brasil, pode-se afirmar que as argutas observações de Gina Lombroso inauguraram o século. Trata-se de uma espécie de diário de viagem da autora, publicado em 1910, em que se encontram considerações realmente pertinentes e que contemplavam tanto os supostos aspectos negativos como também os aparentemente positivos do Brasil da época. Gina, filha do famoso jurista Cesare Lombroso, esteve no Brasil no início do século passado e procurou no seu livro não apenas descrever a paisagem e a sociedade brasileiras, mas também destacar a hospitalidade do povo e o futuro promissor, além de apontar possíveis soluções para os aspectos negativos do Brasil da época. Em São Paulo, por exemplo, destacou a italianidade da capital e o entusiasmo com que foi recepcionada pela colônia. Não se limitando apenas a descrever a beleza das cidades brasileiras e as condições dos colonos italianos nas fazendas, procurou também resumir para o leitor italiano a história e a cultura brasileiras. Com relação aos aspectos que considerou negativos, a autora apontava a indolência do brasileiro como resultado da falta de iniciativa e da passividade. A falta de pontualidade e a prodigalidade excessiva de boa parte da população brasileira

¹ Professor-assistente doutor da FCL UNESP-Araquara. Mestre em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo (1990), doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1995) e pós-doutorado pela ALMA MATER STUDIORUM UNIVERSITA di BOLOGNA (2012).

da época pareciam-lhe defeitos de um país jovem e ainda imaturo, mas para ela estavam intimamente ligadas à generosa hospitalidade do brasileiro.

Do início do século até os anos 60, porém, não se destaca nenhuma escritora italiana que tenha se dedicado ao Brasil. Na verdade, o longo período fascista e a narrativa do imediato pós-guerra registram poucas obras significativas referentes ao Brasil, tanto de escritores como de escritoras, com exceção de *La Patria Lontana*, de Enrico Corradini, na década de 20, *Il pane del Carcamano*, de Giovanni Passeri e o volume poético de Ines Mauri, ambos do final dos anos 50. *Il poema di Rio de Janeiro*, de Ines Mauri, é provavelmente o único livro de poesias italiano dedicado inteiramente ao Brasil. Nele, a autora reforça a visão da alegria de viver do brasileiro, sobretudo do carioca, e não poupa descrições da natureza majestosa. Assim como em boa parte da narrativa que analisaremos mais adiante, prevalece nas poesias de Mauri o olhar do turista extasiado com a pujança da natureza tropical. A título de exemplo, observem-se os versos: “Bello è il giuoco di madre natura/ nella vergine terra di Rio/ dove gli alberi sono giganti e felici crescono enormi. Bello è il giuoco di madre natura/che macchia isuoi fiori di sangue/e fa nascere strane orchidee/sadiche bocche pensanti.” (MAURI, 1958, p. 11).

As décadas de 60 e 70 foram marcadas pela redescoberta do Brasil na literatura italiana. Entre as muitas obras de ficção que tematizaram o Brasil, destacam-se os livros de contos da escritora Maria Barbareschi. A autora publicou em 1968 o livro de contos *Brasil, meu bem- novelle di costume e di colore*. No prefácio, Barbareschi adverte que a nostalgia do Brasil a levou a escrever os contos. Basicamente, ela identificava no Brasil dois tipos de moral: a “primitiva” e a “moderna”. Por “primitiva” a escritora entendia a moral dos que não têm preconceitos de raça, e fazem amor com simplicidade natural, sem complexos, mas ao mesmo tempo não se espantam com as mortes violentas ou com as crianças abandonadas nas ruas das grandes cidades. Por moral moderna, ela entende a de origem européia: “Brasil, meu bem. Ti amo così come sei, com questi contrasti che riveli nelle genti che ti abitano.” (BARBARESCHI FINO, p. 11).

Quase todos os contos do livro referem-se ao sensualismo brasileiro ou aos mitos de Iemanjá e outros do nosso folclore. Os desfechos são quase sempre previsíveis. O interesse que esse tipo de conto conseguiu despertar no leitor italiano da época resvalava quase sempre no puro exotismo, com uma pitada de consternação diante das difíceis condições de vida do nordeste brasileiro. No primeiro conto – *Itamaracá* – esboça-se a velha trama de amor e morte, traição entre amigos e vingança final. Recife e os manguezais no presídio da Ilha de Itamaracá servem de pano de fundo para Jadir e José, que amam a mesma mulher, Nádia. Pode-se perceber que a estrutura muito simples do

conto procura sintetizar as paixões desenfreadas e o sensualismo, na visão da autora, dos homens, mas sobretudo das mulheres, do Brasil.

O segundo conto – *lemanjá* – começa justamente pela descrição do mito de lemanjá, a rainha dos mares. Curiosamente, a descrição assume às vezes o tom de guia de turismo, à medida que elenca as datas dos festejos no dia dois de fevereiro, em Copacabana: “Ecco come si svolge il programma dei festeggiamenti, per esempio, a Rio de Janeiro sulla famosa spiaggia di Copacabana anche ai giorni nostri.” (BARBARESCHI FINO, 1968, p. 26). A trama do conto funde-se à descrição anterior do mito de lemanjá que, às vezes, pode “apaixonar-se” pelos pescadores e ainda chega a ameaçar os frágeis barcos com tempestades e fortes ondas. Sendo assim, lemanjá “rapta” o jovem pescador Ivã, casado com Marília. Por causa da imprudência da mulher, que quis acompanhá-lo, a jangada vira e os dois naufragam. A conclusão do conto reforça o mito de lemanjá como a rainha dos mares: “lemanjá aveva gradito il pescatore, e gli aveva data la sua felicità. lemanjá non aveva tradito i patti: ella si era accontentato del pescatore.” (BARBARESCHI FINO, 1968, p. 36).

O conto *A batalha dos ratos* apresenta notáveis diferenças em relação aos contos anteriores, sobretudo por transcrever em português alguns diálogos dos personagens-meninos que travam uma batalha de papagaios ou pipas. A banalidade da trama tem, contudo, o mérito de não ressaltar apenas os aspectos folclóricos. Destaca-se a praia de Salvador como local de liberdade para as crianças. A batalha das pipas assume ares de verdadeira demonstração de destreza das personagens crianças, além da comprovação da lealdade e da honestidade dos meninos: “La spiaggia è particolarmente adatta ai ragazzi, che vi si radunano per giocare a palla con il tamburello, per giocare a pallacanestro, ed anche per giocare al pallone.” (BARBARESCHI FINO, 1968, p. 51).

Em 1970, Maria Barbareschi publicou novo livro com o título de *Il samba*. As protagonistas, sempre mulheres, representam vários aspectos do Nordeste, dos canaviais aos garimpos, das grandes feiras e mercados ao carnaval. Ao construir as personagens, a autora não consegue evitar o estereótipo. Opressores e oprimidos e homens inescrupulosos contra mulheres honestas constituem os dois polos de oposição que norteiam o livro, excetuando-se apenas o terceiro conto – *Il mercato di Caruaru* – que narra a história do idílio amoroso entre o bom vaqueiro e a feirante pobre.

O retrato do Brasil feito pela escritora não evita o pitoresco e o folclórico ou o exótico. Inclusive os problemas sociais acabam ficando em segundo plano, pois a autora privilegia sempre os aspectos “tropicais”, detendo-se na descrição das mulheres mestiças e oprimidas pelo machismo e pela ignorância. Como já acontecera no livro anterior, em *Il*

samba o sincretismo religioso e o exotismo continuaram a fascinar a autora de tal maneira que a impediram novamente de analisar com mais profundidade a cultura brasileira. Deve-se ressaltar, porém, que se por um lado o livro revela a profunda simpatia de Barbareschi Fino pelo Brasil, sobretudo pela cultura e povo brasileiros, por outro também demonstra a incompreensão e as considerações por vezes apressadas de boa parte dos literatos italianos que dedicaram seus livros a aspectos brasileiros.

Ainda nos anos 70, muitos foram as escritoras que se referiram ao Brasil. Uma das mais relevantes foi, sem dúvida, Nora Rosanigo, que em 1971 publicou o livro *Diluvio in Alagoas*. Fruto da experiência pessoal da autora, que nasceu em 1922 em Roma e atuou como médica no Brasil por muitos anos, este romance constitui pérola rara no mar de romances e contos italianos sobre o Brasil, pois consegue evitar o simplismo da visão exótica.

No primeiro conto – *Suor Ana Palmira* – faz o retrato da personagem Ana Palmira, freirinha nascida em uma terra cuja “potência do sol queima tudo” (ROSANIGO, 2971, p. 4). Resignada com a pobreza, como quase toda personagem brasileira na narrativa italiana, Ana Palmira não consegue compreender por que a narradora-protagonista trocou as belezas da Itália pelo trabalho duro em um mísero hospital no sertão brasileiro.

No segundo conto – *La pesca miracolosa* – a descrição da paisagem tropical não se limita à mera exaltação do sol intenso ou do verde exuberante. As comparações com as paisagens italianas presentes na memória da narradora revelam-se criativas e por vezes surpreendentes. Diante das cenas de pesca, porém, a protagonista não consegue, apesar do esforço, encontrar termo de comparação com, por exemplo, a pesca na Sicília. Acaba por sobressair o contraste inevitável entre a “avarenta” natureza européia e a generosidade da natureza tropical.

No conto *Favelas*, o tema recorrente na prosa italiana sobre o Brasil é enfrentado com habilidade por Nora Rosanigo. Embora ressalte os rituais de magia negra e a miséria sem trégua, a autora não se deixa seduzir pelo exotismo e prefere destacar a poesia que nasce em meio a tanta pobreza. O lirismo nasce da capacidade de sonhar dos que nada possuem na vida: “Lassú dalle finestre i negri guardano Rio de Janeiro. È l’única ricchezza che hanno e che non permettono ai bianchi di dividere con loro. Il sole che vedono sorgere ogni mattina è solo per loro (...)” (ROSANIGO, 1971, p. 22).

No conto seguinte – *Viaggio in aereo misto* – encontra-se surpreendente tom irônico sobre as agruras dos passageiros de um vôo entre São Luís e Rio de Janeiro. O contraste entre o comissário que insiste em oferecer otimismo aos passageiros mesmo diante da pior tempestade e da aterrissagem forçada do avião e o terror dos personagens,

sobretudo do casal de médicos italianos, serve de fio condutor da narrativa que se esgota nas observações da paisagem tropical e principalmente do intenso calor amazônico:

“La flora tropicale sembrava essere senza vita serrata in un groviglio di alberi e di vegetazione folta come i capelli della negra. Di nuovo passò il commissario di bordo, di nuovo offrì bibite, caffè, panini imbottiti.” (ROSANIGO, 1971, p. 32).

O quarto conto – *Titia Aída* – faz o retrato da imigrante italiana no Rio de Janeiro. A italiana Aída adaptou-se aos costumes e até mesmo à religiosidade brasileira, pois tornou-se adepta do espiritismo, visto pelos italianos como uma versão brasileira dos espiritismo europeu. Aída, como boa parte dos espíritas brasileiros, exerce a filantropia com grande força de vontade. E assim, a narradora-protagonista a acompanha nas visitas aos doentes das favelas e a narrativa envereda pela descrição detalhada da miséria nas periferias das grandes cidades brasileiras. Descrições de chagas e doenças da pele se sucedem, com detalhes, revelando claramente a formação em medicina de Rosanigo: “Le gambe erano devastate, i piedi non si riconoscevano, piaghe orribili avevano scavato crateri lunari che verbi mobilissimi e affamati avevano riempito”. (ROSANIGO, 1971, p. 48).

No desfecho do conto, novas considerações sobre a injusta distribuição de renda no Brasil. Rosanigo parece acreditar na solidariedade e na prática da caridade como possível solução para os problemas sociais brasileiros. Lamenta, portanto, o pequeno número de abnegados como Titia Aída: “Una donna è troppo poco per milioni di diseredati, per la vita grama di un popolo sottomesso al servizio dell’assurda ricchezza di pochi.” (ROSANIGO, 1971, P. 50).

Os demais contos do volume também se dividem como os anteriores entre observações sobre os conflitos sociais e a exuberância da mãe natureza que às vezes se revela madrastra, como em *Diluvio em Alagoas*, conto que dá título ao livro e que narra a história (verídica) de dois guardas do Farol de Maceió em meio a uma inusitada tempestade. *Diogo e Manuel*, sexto conto, retrata a tomada de consciência de um médico italiano às voltas com o mundo esqualido dos meninos de rua de São Luís. Finalmente, o conto *Savino*, que encerra o volume, abandona definitivamente o lirismo inicial e retoma idéias deterministas na descrição da demência do protagonista, pobre morador de uma enorme família em um cortiço na periferia de Recife. Os problemas mentais do personagem aparentemente advêm, de acordo com a narradora, do cruzamento de raças: “Savino non era né bianco, né nero, né meticcio ma tutte e tre le cose insieme; forse troppe, e lo avevano fatto scemo”. (ROSANIGO, 1971, p. 119).

O livro de Nora Rosanigo teve o indiscutível mérito de criar personagens, sobretudo femininas, que escapam ao mero registro dos tipos folclóricos ou exóticos presentes no imaginário dos leitores italianos. A exuberância da natureza tropical observada pela autora levou-a a esboçar um quadro bastante coerente das injustiças sociais do Brasil, evitando quase sempre o costumeiro itinerário turístico e a fascinação pelo suposto paraíso tropical. Prevalece em *Diluvio in Alagoas* não apenas a ótica feminina que enxerga a mulher brasileira como vítima em dose dupla do machismo e da miséria, mas também a visão “médica” do país tropical abandonado às doenças, muitas vezes facilmente curáveis, se não houvesse a insensibilidade das elites locais e também das elites dos países ricos.

Assim como os colegas masculinos, as romancistas italianas também enveredaram pelo filão do romance-ecológico que se referiu à Floresta Amazônica. Incontáveis foram os livros publicados na Itália nos anos 90, de ficção ou não, sobre a Amazônia, quase sempre em tom de denúncia da destruição das matas. Na narrativa, um dos volumes mais significativos foi certamente *Amico Índio*, publicado em 1995 pela escritora Lidia Marzotto. Dirigido principalmente ao leitor juvenil, o romance narra a história de Nicky, filho de um rico industrial italiano que vive em São Paulo. O tom de denúncia se encontra já no início do romance, principalmente nos ágeis diálogos do adolescente protagonista com o amigo Carlos e com seu pai industrial. Os diálogos buscam sintetizar os lugares comuns, a hostilidade e os preconceitos de boa parte da população das grandes cidades brasileiras com relação aos índios.

Toda a trama de *Amico índio* vai se desenvolver em torno da descoberta do mundo indígena empreendida pelo protagonista Nicky. De fato, ao acompanhar o pai que viaja para o norte do Brasil a fim de construir uma estrada, o protagonista irá aos poucos desvencilhar-se dos preconceitos que aprendera na metrópole. No desenvolvimento da trama, a autora obterá bastante êxito na construção da personagem que entrará em contato com um Brasil para ele desconhecido. Inicialmente conhecerá adolescentes índios e começará a compreender a difícil situação das tribos às voltas com garimpeiros ambiciosos e empresários sem escrúpulos.

Por meio da personagem Nicky, a autora denuncia a ambição sem medidas dos garimpeiros em contraste com a visão dos índios a respeito da natureza. Em contato com o amigo índio, o protagonista passa a compreender que para as tribos a natureza representa a fonte de recursos para a sobrevivência. Em contato direto com outra cultura, muito diferente da sua, Nicky deverá rever muitos conceitos sobre felicidade e riqueza

material: “Ognuno ha il suo modo di vedere il mondo e non è detto che il nostro sia il migliore”. (MARZOTTO, 1995, p. 112).

Amico indio cumpre bem a missão de ilustrar para um público juvenil a difícil convivência entre índios e “civilizados” no Brasil dos anos 90. O romance possui estrutura simples, trama bem costurada, *happy end* e linguagem simplificada. Seguindo a linha do politicamente correto, o livro reflete a consciência pesada do europeu (particularmente do italiano) com relação à responsabilidade pelos conflitos e consequentes massacres dos índios na Amazônia. Lidia Marzotto se insere na visão dos formadores de opinião que escrevem nas revistas e jornais italianos e demonstram indignação diante dos massacres de índios e da miséria dos meninos de rua do Brasil. Em um país como a Itália, destituído de grandes questões nacionais (apesar das chagas da máfia e da corrupção na política), a literatura precisa nutrir-se de grandes questões que envolvam outros países como o Brasil. Na verdade, os problemas que dizem respeito à Amazônia são concebidos pela intelectualidade italiana, ou européia, como questões que envolvem a humanidade inteira, à medida que a Floresta Amazônica é tida como o pulmão do mundo e requer, portanto, proteção mundial.

Cabe ressaltar, enfim, que a edição de *Amico indio* foi concebida para o uso nas escolas italianas, o que explica as vinte páginas de exercícios escolares de interpretação de texto presentes no livro. Graças a Lidia Marzotto, o Brasil se fez presente na literatura italiana não somente pelos aspectos folclóricos, mas também pelos problemas sociais e as polêmicas sobre a questão indígena que repercutem internacionalmente.

Giuliana Metelli, em 1996, publicou um dos últimos romances italianos do século que se referem ao Brasil. Metelli, jornalista romana que viveu muitos anos no Brasil, escreveu cinco contos em que os protagonistas são todos imigrantes italianos que descobrem um mundo novo nos trópicos, mais precisamente no Rio de Janeiro. O olhar feminino se revela já no primeiro conto – *L’angelo caduto a Rio (O anjo caído no Rio)* – pois a protagonista feminina encontra nas praias cariocas o seu “amor de verão”. Curiosamente, Sandro, o amor de verão brasileiro, revela-se “falso” da cabeça aos pés, pois a protagonista logo descobre que na realidade ele era um argentino cuja única intenção consistia em enganar incautos turistas europeus à procura de aventuras amorosas. As reflexões da narradora-protagonista enfeixam considerações sobre as injustiças sociais brasileiras e sobre o machismo do personagem masculino. Prevalece, portanto, a ótica predominante na literatura italiana que se dedicou ao Brasil no século XX, toda ela assentada sobre o perene contraste entre o edonismo do modo de vida dos brasileiros e os enormes contrastes entre as classes sociais que vivem no país.

O brasileiro cordial encontra no personagem Sandro o fator demistificador, à medida que os bons modos desse falso brasileiro lhe servem apenas para a obtenção de lucros fáceis. Observe-se a passagem em que Claudia, a narradora-protagonista, descreve os mecanismos pelo qual se realiza o famigerado turismo sexual: “Tutti sono così soddisfatti, e in particolare il turista, sicuro di aver trovato insieme all’imprevisto, grande amico che ognuno di noi vorrebbe avere qua e là nel mondo, l’amore di una splendida meticcina, costretta dalla povertà.” (METELLI, 1996, P. 11).

No segundo conto do livro – *Il paese dei balocchi* (*O país dos brinquedos*) – a vida no paraíso tropical baiano é descrita como um “jogo de azar”. A leveza e a cordialidade parecem compensar, na visão da autora, a desagregação das famílias e a inexistência de um projeto de vida, por causa da miséria: “Qui il vivere è un interminabile gioco che la sofferenza sfiora volando subito via. Poiché persino la morte è gioco d’azzardo. Quella del ladro di galline ammazzato dalla polizia senza pensarci due volte”. (METELLI, 1996, p. 23).

Percebe-se, por parte da autora, o esforço feito para compreender um mundo diferente do vivenciado pelo europeu. A indolência do baiano pobre justifica-se não apenas pelo calor, mas também pela natureza local, muito mais exuberante e generosa do que a europeia. Sendo assim, a protagonista Claudia, refletindo a visão da escritora, consegue superar o desprezo inicial pelo baiano “indolente e irresponsável” e chega finalmente à compreensão de uma cultura diferente, afastando-se definitivamente da perspectiva eurocêntrica: “Questo popolo nato alla storia, secondo un punto di vista eurocentrico, nel sedicesimo secolo e formatosi con l’incrocio di razze è ancora bambino. Perciò ingenuo, istintivo e capace di fantasticare, contraddire.” (METELLI, 1996, p. 25).

O turismo sexual, isto é, as razões que o motivam, entram constantemente nas observações feitas pela narradora-protagonista. Não se poupam palavras para denunciar os “casanovas” italianos à caça de fáceis aventuras em terras tropicais. O conto assume frequentemente ares de defesa da vulnerabilidade das moças locais.

No que se refere, porém, à descrição da beleza física masculina, estranhamente a protagonista Claudia exalta a beleza dos traços do rosto europeu, branco, em detrimento da “pouca harmonia” das feições dos negros. Assim, ao observar o personagem André, menino empregado em uma barraca, sente atração pela beleza do cruzamento das raças que parecem “amenizar” os traços do negro: “I negri sono brutti o decisamente il contrario. In tal caso stupiscono per il corpo atletico, statuario e il viso che non ha troppo accentuate, per qualche incrocio razziale, le caratteristiche negroidi. André è così.” (METELLI, 1996, p. 34).

Aos poucos, a protagonista Claudia passa a considerar como impulso dos sentimentos e espontaneidade o que antes lhe parecia corrupção ou imoralidade. Afastando-se dos preconceitos, ela não enxerga mais na sensual baiana apenas a submissão aos homens, mas também a autenticidade de quem não se deixa esmagar pelo peso de tradições e de rígidas normas da moral européia. Não pode evitar, porém, a observação de que a mulher brasileira, por ser tão sensual e autêntica, torna-se muito mais vulnerável à violência masculina: “Come ti rendono vulnerabile, sciocca baiana, quel tuo candore nella corruzione e l’impulso dei sentimenti che non riesci a frenar! Soprattutto per questo però mi sei cara.” (METELLI, 1996, p. 28).

Em mais de uma passagem do livro da autora, ressalta-se o caráter “livre” de muitas uniões entre homens e mulheres no Brasil, sobretudo na Bahia. Na verdade, o que se põe em destaque é o conflito entre os casamentos realizados de acordo com o catolicismo tradicional e o catolicismo “livre” dos brasileiros, na visão da escritora. Assim, as personagens Marcelo e Lena entram em conflito na hora do batismo do filho que tiveram fora do casamento tradicional. A avó materna não se conforma com a cerimônia de batismo sem a presença de um padre: “Improvvisamente Rosella non è più sicura se quella cerimonia senza altare e senza prete sia mistica oppure magica”. (METELLI, 1996, p. 45).

No último conto - *In memoria del Baixino* – encontra-se a síntese dos motivos pelos quais, na visão da autora, há no Brasil um insanável contraste entre a pujança natural e o contínuo sofrimento da maioria da população por causa da insensibilidade das elites. Neste conto, narra-se a história do menino Adalberto, empregado de um restaurante cujos proprietários são italianos. Adalberto acaba morrendo vítima de um ritual macabro e leva a narradora Giulia a dar crédito à versão das causas dos males brasileiros que lhe tinha sido relatado pelo mineiro Beto. Para Beto, não faz sentido um país tão rico de recursos naturais sofrer tanto com as injustiças sociais. Em tudo, acredita a personagem, deve haver a influência de forças malignas que exercem poder sobretudo sobre a população mestiça, geralmente mais pobre e ignorante.

Mal di Brasile termina reforçando a ambiguidade do título, que tanto pode remeter à sedução dos trópicos sobre a autora, quanto pode lembrar os males que acometem um país de natureza tão rica. Sendo o último romance publicado por uma escritora italiana que se dedicou ao Brasil, resume de certa maneira tanto as virtudes como os defeitos desse tipo de narrativa. Não evita o registro pitoresco e o deslumbre, ao mesmo tempo que dá mais espaço para a introspecção das personagens femininas. Na verdade, tanto o livro de Metelli como os demais citados anteriormente, excetuando-se o diário de Gina

Lombroso, inserem-se na narrativa italiana que abandonara a visão do Brasil como a “segunda pátria” dos italianos, isto é, como a terra prometida dos imigrantes. Retoma-se, assim, a visão do paraíso prometido das primeiras cartas de Américo Vespúcio. Tal paraíso mostrou-se em parte decepcionante na narrativa das escritoras analisadas. Ao lado da denúncia da destruição das florestas e do abandono dos meninos de rua, sempre há espaço, porém, nesse tipo de narrativa, para o retrato da espontaneidade e da aparente alegria de viver do povo brasileiro.

Bibliografia

BARBARESCHI FINO, Maria. **Brasil, meu bem! Novelle di costume e di colore**. Milano: Edikon, 1968.

_____. **Il samba**. Milano: Guido Miano, 1970.

MARZOTTO, Lidia. *Amico indio*. Torino: Archimede, 1995.

MAURI, Ines. **Il poema di Rio de Janeiro**. Roma: Edizioni Porfiri, 1958.

METELLI, Giuliana. **Mal di Brasile – Racconti. L’amore ostile di un’italiana ai tropici**. Firenze: L’Autore Libri, 1996.

ROSANIGO, Nora. **Diluvio in Alagoas**. Padova: Liviana, 1971.